

Jorge Aristides de Sousa Carvajal

Geraldo Vespasiano Puntoni

"Vamos dizer que está tudo bem para não ter de explicar!"

Eis como deu sentido otimista à vida, Jorge Aristides de Sousa Carvajal, o panamenho. Pessoa generosa, melhor dizer, generosíssima. De uma ironia fina. "Reunião de gaviões, matança de pintinho." Era como via uma reunião de professores com os responsáveis das mantenedoras das escolas. Não foi uma, foram várias, tais como Escola de Arte e Decoração (Eade), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Belas Artes, Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), Faculdade de Arquitetura de São Caetano, Escola da Cidade, Escola de Comunicação e Artes (ECA) e Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU).

Arquiteto de talento, culto e de gosto apurado. Pequena militância profissional, mas o que projetou e construiu é padrão de excelência. Do que gostava mesmo era de ministrar aulas. Sentia-se bem entre a meninada. A geometria o encantava. Levantar dúvidas sobre as questões da representação do espaço e as questões da produção dos objetos: o desejo do desenho.

Professor de muita didática e fascinante, o que fazia suas aulas muito concorridas. Possuía uma inteligência invejável e memória privilegiada. Que memória! Permitia-lhe tornar as aulas verdadeiros espetáculos. Eram imperdíveis. Os exercícios que propunha eram geniais.

Certa aula, oportunamente, narrava, de modo impecável, um conto de Umberto de Campos: "O monstro"; outra, descrevia a imagem: um tronco de árvore que, flutuando, aproximava-se da praia. O ver e o não ver, a incerteza do que se via levava as pessoas à dúvida de ser ou não o que viam: o cadáver de um afogado. E os diálogos de filmes? Repetia-os com muita precisão e dramaticidade, quando os considerava úteis no contexto daquilo de que falava. Inesquecíveis foram os diálogos do filme *Gilda*.

Poesias, letras de músicas, citações, piadas compunham o cenário logístico de sua fala. Coisas que o desejo permanente de envolver os alunos, em sua busca de conhecimento, evocava e faziam parte daquilo que mais

amava: ministrar aulas. Na produção dos desenhos, destacava o tempo da reflexão, o tempo da concepção, o tempo da representação e o tempo da produção. Procurou, por toda a vida, resgatar a linguagem do desenho. A atitude do professor Jorge propiciava um convívio alegre entre todos que puderam desfrutar de sua presença: amigos, colegas, funcionários e alunos.

Ouvi-lo falar de Euclides; a construção do triângulo equilátero, de Tales, as proporções, de Pitágoras; a corda dos 13 nós, de Descartes; a geometria analítica, de Poncelet; as propriedades das figuras geométricas, de Desargues; a projetiva, de Monge; a geometria descritiva, de Hilbert; os axiomas, de Lucas Paccioli; a divina proporção, de Gyhka; o número de ouro, de Le Corbusier, o Modulor, de Alberti; a pintura, de Panofsky; a perspectiva, de Howard Eves; a história da geometria, de Ulric Conrads; a arquitetura como cenário, de Arquimedes; Leonardo e Galileu, a mecânica, era ter, como paisagem da vida e reflexão acadêmica, a história, a ciência, as artes e o deleite gráfico, a fluírem no maior rigor, beleza e elegância. Em sua busca de rigor, chegava a exagerar. Usava conta-fios, ao julgar a qualidade dos desenhos técnicos dos alunos da Eade, e, naqueles tempos, usavam-se papel vegetal, régua T, esquadros, compasso, tinta nanquim e tira-linhas.

O arquiteto Jorge Aristides de Souza Carvajal não conseguiu estudar na FAUUSP. Veio ao Brasil completar seus estudos de arquitetura, em razão de um convênio, mas, naquele ano, um protesto de alunos da USP impediu o acesso dos estudantes estrangeiros. Assim, Jorge Aristide de Sousa Carvajal concluiu seu curso de arquitetura no Instituto Mackenzie. Manifestava, sempre, um sentimento de ter sido rejeitado, ainda que tenha sido professor da ECA e da FAUUSP. Tornou-se doutor, em 1991, na ECA, onde apresentou a tese *Perspectiva*: um modo de representar o espaço. Adotou como diretriz uma assertiva: "para explicar, pela vida fora, nossa atração pela casa natal, o sonho é mais poderoso que o pensamento", de Gastón Bachelard, em *A poética do espaço*. Nesse seu trabalho, Jorge Aristides de Souza Carvajal indagava se perspectiva e espaço eram a mesma coisa. O que seria o espaço e como seria representado? O espaço gráfico e o espaço natural seriam iguais?

Jorge Aristides de Sousa Carvajal foi um exímio dançarino e cultivava as danças populares panamenhas e todo o cancioneiro, poesia e música, da América Latina. Pertenceu a um grupo de dança folclórica do Panamá. Chegou a exercer um cargo de representação de seu país em São Paulo. Eram encantadores e infindáveis, seus cantos e recitativos, em que se esmerava pelo alto desempenho e sonoridade. Carvajal gostava de dançar! E como gostava de dançar! Era de causar inveja, quando dançava. Mesmo quando preso a uma cadeira de rodas, punha-se a dançar, com uma alegria contagiante. Gostava de contar casos e possuía um imenso repertório de piadas inteligentes.

O panamenho, sem ter querido, deixa um vazio no quadro dos professores de desenho. É insubstituível. Resta apenas a memória do que foi.

Vespasiano Puntoni

Professor do Departamento de Tecnologia da Arquitetura, FAUUSP.